



doi: 10.7213/psicol.argum.34.085.A001

## **A condução do bem viver na velhice: Um ensaio sobre ética, felicidade e morte**

The conduct of living well in the elderly: An essay on ethics, happiness, and death

---

René Simonato Sant'Ana-Loos<sup>[a]</sup>, Helga Loos-Sant'Ana<sup>[b]</sup>, Denise Maria de Matos Pereira Lima<sup>[c]</sup>, Paula Alexandra Reis Bueno<sup>[d]</sup>

<sup>[a]</sup> Doutor em Educação, linha de pesquisa: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação, linha de pesquisa: Educação, Cultura e Tecnologia, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisador independente e escritor. E-mail: renesimonato@gmail.com

<sup>[b]</sup> Doutora em Educação, área de concentração: Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com permanência de 18 meses no Instituto de Psicologia da Philipps-Universität Marburg (Alemanha). Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), linha de pesquisa: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano / Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: helgaloos@yahoo.com.br

<sup>[c]</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Altas Habilida-

des/Superdotação e em Educação Especial. Graduada em Letras pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Técnica pedagógica na área de Altas Habilidades/Superdotação no Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional da Secretaria do Estado da Educação do Paraná / Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: denisematos@seed.pr.gov.br

[<sup>d</sup>] Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (FE-USP). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Licenciatura em Música e Especialista em Educação Musical pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Professora de Arte/Música na Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Professora de Metodologia do Ensino da Música e Dança e Saúde na Pós-Graduação IBPEX e CENSUPEG. Focalizadora de Dança Circular e pesquisadora na interface "Música, Cultura, Promoção da Saúde e Qualidade de Vida", vinculada à Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) / Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: paula.musica@hotmail.com

---

## Resumo

A intenção do presente trabalho é propor uma reflexão crítica acerca de como a *condução do bem viver* deve ser também pensada para a fase final da vida humana: a velhice. Este ensaio tem como princípio epistemológico um sentido interdisciplinar que combina, em seu desenvolvimento, uma abordagem histórico-filosófica voltada para a busca da felicidade por meio da ética, com preocupações por parte da psicologia da educação direcionadas ao idoso, além de valorizar o papel da arte na organização existencial do ser humano. Conclui-se ser necessário resgatar a ideia de que a vida pode ser bela a qualquer tempo; o que depende, em grande medida, da postura de quem a vive.

**Palavras-chave:** Velhice. Ética. Felicidade. Educação. Arte.

## Abstract

*The intention of this work is to propose a critical reflection about how driving the good life, and this must also be conceived for the final phase of human life: the old age. This essay has an epistemological principle an interdisciplinary sense that combines, in its development, a historical-philosophical approach toward the pursuit of happiness through the ethics, with concerns from the educational psychology directed to the elderly, besides to enhancing the role of art in the existential organization of the human being. It is concluded to be necessary to rescue the idea that life can be beautiful at any time; it depends on a large extent of the attitude of one who lives.*

**Keywords:** Elderly. Ethics. Happiness. Education. Art.

---

## Introdução

*As pessoas que temem a morte são as mesmas que temem a vida.*  
(Erik Erikson)

Convida-se o leitor do presente trabalho a participar de uma reflexão crítica acerca de como a *condução do bem viver* – que é, literalmente, o sentido da educação – deve ser também pensada para a fase final da vida humana, a velhice. Este ensaio tem como princípio epistemológico um sentido interdisciplinar que combina, em seu desenvolvimento, a

---

abordagem histórico-filosófica voltada para a busca da felicidade por meio da ética, com preocupações da psicologia da educação direcionadas para a fase da velhice, além de valorizar o papel da arte na organização existencial do ser cognoscente, algo tão característico do espírito humano.

Na perspectiva filosófica recuperam-se convicções éticas exploradas e sancionadas pela Antiguidade, tal como, posteriormente, também fora feito pelo Renascimento. É apresentada, então, a necessidade de se quebrar o que é previamente instituído quando este é prejudicial ao bem viver, mesmo que isso seja considerado “loucura”; para o que se trouxe a crítica de Erasmo de Rotterdam, com seu “Elogio da Loucura”. Também é resgatado o julgamento de Sócrates, como exemplo de alguém que prefere a morte se lhe for negado o direito de usufruir da beleza da vida mesmo na velhice, o que exige bondade e justiça.

No campo da psicologia da educação são trazidos exemplos de iniciativas que confirmam a necessidade de se realizar uma educação também voltada para a velhice. Tem sido evidenciado que a aquisição de novos conhecimentos pelo idoso o leva a ter mais recursos, tanto instrumentais quanto emocionais, para aproveitar as novas possibilidades que se descortinam nessa fase da vida. Nesse sentido, despontam a religião, a ciência, a arte, a filosofia, a literatura e o contato com a natureza como caminhos para a transformação pessoal e a reintegração social do idoso, oportunizando o surgimento de novos hábitos, imagens e práticas que associam o processo de envelhecimento à atividade, à aprendizagem, à flexibilidade, à satisfação pessoal e mesmo a vínculos amorosos e afetivos inéditos.

Também no âmbito da arte possibilidades são exploradas, tais como experiências com dança circular, teatro e outras atividades lúdicas e de estímulo à convivência saudável por meio do envolvimento artístico direto de execução, criação ou apreciação, as quais vêm demonstrando como o bem viver ético pode ser o caminho para a sensibilidade/percepção do que é felicidade.

Assim sendo, o objetivo do presente trabalho é compartilhar uma crítica à condução contemporânea comum da velhice, resgatando-se o ideário da ética da felicidade e explorando recursos que podem ser úteis a tal intento, como a afirmação do papel de uma psicologia da educação para o idoso e uma perspectiva pedagógica apoiada na arte. Visa-se, em última instância, ao *bem viver* mesmo na fase em que cada pessoa se encaminha para o término de sua existência

## Desenvolvimento

### A renovação é uma exigência para o equilíbrio da vida

Os incautos manuais de história promulgam que o Renascimento foi um movimento intelectual que, nos séculos XV e XVI, preconizou a recuperação dos valores da Antiguidade greco-romana, contrapondo-os à tradição medieval ou adaptando-se a ela, que *renovou* não só as artes plásticas, a arquitetura e as letras, mas também a organização política e econômica da sociedade. Todavia, isso não é tudo. Essa simples descrição não abrange o que de mais importante, depois de muito se viver sob uma mesma égide, precisa se renovar: o espírito; em um sentido metafísico mesmo, a despeito das descrições materialistas

que a história e outras demais ciências humanas contemporaneamente, sob um regime exacerbadamente racionalista, geralmente convêm proceder.

E, na época do Renascimento, definitivamente o espírito humano necessitava se renovar, renascer. Depois de muito se direcionar sob os auspícios da Igreja e sua filosofia (teologia), o homem pressentia que o exagero não é um bom direcionamento para o bem viver. No caso, uma dimensão existencial *excessivamente* metafísica (religioso-teológica) também poderia incutir problemas à vida cotidiana. Nesse sentido, basta que se recorde que o homem, sem a devida ciência dos cuidados de higiene, por exemplo, propiciou um contexto indesejado que culminou com a Peste Negra, um século antes do movimento renascentista. E um acontecimento tão traumatizante quanto a dizimação de parte considerável da população da Europa (pelo menos 30%) foi a “energia ativadora” que promoveu a reação renovadora dos preceitos da vida humana naquele momento histórico.

Desta feita, com o imperativo latente de um (re)nascer, emergiu o Renascimento. Acontece que um re-nascer necessita de memória para ativar parâmetros, pelo menos iniciais, sobre como se movimentar, como ser e estar no mundo.

A memória é o arcabouço do que é existir como pertença a certa perspectiva: como a uma espécie ou a um ideal, por exemplo. Nesse sentido, o Renascimento teve como referência mnemônica para um “renascimento” do espírito humano a Antiguidade greco-romana. Isso ocorreu pelo mesmo motivo pelo qual se deu, na Grécia Antiga, o surgimento da filosofia: era necessário contrapor o exagero que se dava ao simbólico, ao mito; desta vez, ao simbólico religioso católico.

Na mesma esteira da filosofia, apareceram conjuntamente no mundo grego antigo a ética e a política. Nesse nascedouro de novos parâmetros para a vida, o que se queria combater era o exagero das opiniões do que se considerava o melhor, o certo, o verdadeiro, para a vida humana – a *doxa*. Buscava-se, sobretudo, uma vida mais virtuosa, em que as relações humanas e a interação do humano com o mundo não fosse margeada por intransigências nos juízos. Buscava-se um conhecimento mais apurado, sob as normas da razão – a *epistême*. Um bom exemplo desta perspectiva é a ética aristotélica, na qual a definição de virtude encontra um auge:

A virtude é, portanto, uma disposição adquirida voluntária, que consiste, em relação a nós, na medida definida pela razão em conformidade com a conduta de um homem ponderado. Ela ocupa a média entre duas extremidades lastimáveis, uma por excesso, a outra por falta. Digamos ainda o seguinte: enquanto, nas paixões e nas ações, o erro consiste ora em manter-se aquém, ora em ir além do que é conveniente, a virtude encontra e adota uma justa medida [mediania]. Por isso, embora a virtude, segundo sua essência e segundo a razão que fixa sua natureza, consista numa média, em relação ao bem e à perfeição ela se situa no ponto mais elevado. (Aristóteles, 2001, §§ 15-18).

A partir desta definição se pode observar que é preciso ter, como tendência para o bem viver, o equilíbrio, a justa medida. Desviar-se disso é enveredar para o vício, que é o exagero; o qual se pode avistar em qualquer ação ou paixão humana, na fé ou mesmo na racionalidade. Assim, pode-se encontrar o motivo da necessidade de renovação ou renascimento que, nos séculos XV e XVI, apareceu com tanta força e beleza no espírito humano: o equilíbrio, em certa medida, dialético, do sentido da vida humana.

Mas como o motivo principal deste ensaio é falar da velhice, faz-se necessário, depois deste breve interlúdio, explicar o porquê de se recorrer a estas explicações sobre a conduta humana ao longo da história. É que esse período, o Renascimento, foi frutífero no

tocante ao se repensar e sentir o que é o viver humano. Um exemplo de destaque que engloba o assunto peculiar aqui envolvido, a velhice, é a obra *Elogio da Loucura* (1511), de Erasmo de Rotterdam.

Trata-se de uma espécie de solilóquio em que a Loucura, personalizada, evoca um reconhecimento maior por considerar que possui um papel fundamental na existência humana. Há no discurso uma denúncia sobre os homens demonstrarem grande ingratidão pela Senhora Loucura, como se lê já no primeiro capítulo: “que, embora constituindo clientela sua, enrubescem por seu nome e com ele ousam injuriar os outros.”. Nesse sentido, apesar de todos usufruírem da loucura, ninguém ousa elogiá-la; e a Loucura se resigna: “Se ninguém te elogia, elogia-te a ti mesmo.”. E a Loucura, assim, põe-se a mostrar por que merece melhores considerações do que as injúrias até então estabelecidas na sociedade humana, por “ser ela a mola oculta da vida”.

Essa “mola oculta da vida” poderia ser pensada, por assim dizer, como uma espécie de dispositivo recondutor a uma trilha equilibrada de um bom sentido para o viver. Isto é, toda vez que, no movimento existencial, o homem se desgarrar ou se distanciar da mediania – da virtude, como na definição aristotélica mencionada –, a loucura, com seu caráter dissonante, de quebra da inércia, vem revigorá-lo em energia (força ou vitalidade) para possibilitar que se reveja o lado contrário do que se está fazendo. Assim, por exemplo, depois de se viver uma vida inteira dedicadamente “sério”, sisudo, um tanto de repente buscar ser descontraído e mais alegre, poderá denotar loucura e alguém poderia argumentar com quem assim agisse: “Ficou louco?! Você nunca foi assim... O que deu em você?”.

Como discorre a Teoria da Colisão, da química, é necessária uma *energia de ativação* – uma “mola oculta da vida” – para determinada reação acontecer. A reação, de caráter dialético, tem um papel na propulsão da vida humana que a modifica rumo a um reequilíbrio. Seria essa “loucura” que, geralmente tão mal vista, mereceria elogios nessa nobre tarefa de proporcionar renovação ao espírito humano, mesmo que no último período da vida, na velhice.

A amizade e o amor poderiam ser os exemplos maiores dessa “loucura”, como *molas propulsoras da vida* ou *energias de ativação* para a ‘re-ação’ e ‘re-nova-ação’ do bem viver. Loucura sim, pois é uma espécie de *delírio* suportar alguém com todas as suas imperfeições, queixando-se com suas inconfidências, por vezes inócuas ou egoístas, a quem chamamos e tratamos como amigos. Ou ainda o que, se não a loucura, para fazer alguém querer o *desvario* de viver com outro alguém que nem conhece direito – pois não se consegue mesmo sequer conhecer a si mesmo – e se casar? E todos, independentemente de idade ou cultura, reconhecem a amizade e o amor como constituintes da *felicidade*.

### A “loucura” de ser feliz mesmo na velhice

A Loucura, na obra de Erasmo de Rotterdam, faz da velhice uma fase da vida em que inexistente o bom senso. Ela, cheia de compaixão por tanto sofrimento que afronta o idoso, faz com que este retorne à infância: ele delira e não “raciocina” mais, livre das preocupações que torturam os sábios, transformando-os em alegres companheiros para grandes fanfarras, deixando o tédio para os novos homens que virão.

Assim guiados pela Senhora Loucura, os idosos espreitam a felicidade. E, quanto menos motivos têm para permanecerem vivos, mais são amantes da vida e se tornam pro-

pensos a se fazerem juvenis: ora tingem os cabelos, ou escondem a calvície com perucas e há entre eles quem se apaixone por juvenzinhos. Por vezes, já prontos para o caixão, casam-se com jovens sem dotes e destinados a fazer a alegria da vizinhança. Suas condutas podem ser consideradas vergonhosas, algo que para eles, guiados pela Loucura, pouco importa. Neste sentido, diz a Loucura: “Não é melhor passar na loucura uma vida cheia de doçura do que andar procurando, como dizem, poste para se enforçar?”. Mas, como a “loucura” pode se tornar essa mola propulsora, reguladora, para o encontro da felicidade, com a qual o idoso se torna, aparentemente, tão irresponsável, e mesmo irracional, muitas vezes?

A apologia à Loucura feita por Erasmo vinha ao encontro, naquele momento da história humana (Renascimento) em que se colocava evidente a necessidade de uma conduta questionadora, da *antítese* ao *status quo* da sociedade, regrada pela Igreja. Afinal, como é possível fazer valer o grande dom do livre-arbítrio, peculiar à humanidade, se nunca houver a ousadia (“loucura”) de se questionar a força da *tese* vigente? E o que mais seria, por exemplo, na velhice, ir “contra a maré” do que se julga ser o “normal” para um idoso: diminuição das atividades, resignadamente, esperando a morte.

Assim, enquanto o livre-arbítrio fizer parte do espírito humano, jamais, mesmo na velhice, o conveniente será a resignação. E o idoso, nessa ordem de coisas, sente/percebe que está vivo e, sendo assim, deve viver com a máxima plenitude que conseguir perscrutar acerca do que isso significa: o que só será possível vivendo. É claro que alguns podem argumentar que viver não deixa de ser uma espera pela morte. Contudo, seria mais preciso dizer que “viver é aprender a morrer, fazendo da vida uma obra de arte”, como já diziam os gregos, na Antiguidade.

Desta feita, *renascer* é a ordem de equilíbrio em cada fase da vida, como uma exploração exortada pela “loucura” que é exercer o livre-arbítrio, a livre escolha de ser, aprender a ser e se renovar: “Ó deuses! Que maior prazer poderia haver no mundo do que este, proporcionar ao homem reformar seus costumes?” (Sófocles, citado em Plutarco [s.d.]). Todavia, pode haver um problema: o exagero; o qual leva o homem, na *reforma de seus costumes*, em seu renascimento existencial, ao vício – que é oposição à virtude.

Se, por um lado, deve-se ter a coragem (“loucura”) de se contrapor às coisas estabelecidas (à inércia), por outro é necessário recordar que o agora constituído e questionado um dia foi a oposição de algo igualmente instituído, que, por sua vez, provavelmente viera do mesmo processo. Por isso, a apropriada virtude não é exatamente ser “louco”, mas saber usar a “loucura” como um moderador dos excessos; tal qual sugere a ética aristotélica. Neste sentido, é saber ser dialético: sempre buscar uma *síntese*; mas sem perder de vista que para obtê-la é necessário praticar todos componentes do processo – no caso, também a *tese* e a *antítese*.

E a velhice, como é a última etapa, deve ser o momento da derradeira *síntese*. É, dentro do processo eterno e dialético de viver, a última oportunidade de renascer uma postura existencial, contrapondo, dentro do movimento da vida, àquilo que esteve na inércia do movimento até então concebido. Nesta perspectiva, o mais comum é a contraposição às características mais firmes, via de regra, da existência: a finitude e a concretude.

Desse modo, se durante a maior parte da vida o homem costuma agarrar-se à substancialidade da matéria, na velhice depara-se com o óbvio que sempre esteve à sua espreita: existe a morte, o fim dessa substancialidade. Muitas vezes, preso às benesses do mundo, o homem se torna cruel e injusto durante a vida, desviando-se de um sentido de verda-

deira humanidade: da vida cooperativa, social, que é característica essencial da sua espécie. Por isso, na velhice, com a proximidade da morte e da perda do vigor físico, só restam perspectivas metafísicas, como o *bem viver ético*, para dar suportabilidade à existência.

Assim, de forma geral, apostar somente na materialidade talvez seja um exagero; o qual possa ser a origem de se ver tão frequentemente, nos dias de hoje, violência social, desigualdade, injustiça, guerras e ainda grande descaso ambiental. Quiçá, como foi sugerido por ocasião do Renascimento, seja hora novamente de o homem se renovar, *reformatar seus costumes*. Quem sabe seja o momento de o homem contrapor, em *antítese*, buscando um sentido mais metafísico de existência. Nesta perspectiva, um bom sentido – ao modo grego – a ser resgatado é a *ética*.

### A ética do bem viver: da felicidade ao problema da morte

Retomar algumas perspectivas da Antiguidade talvez seja um bom encaminhamento para agir dialeticamente na construção histórica da humanidade, renovando e ao mesmo tempo resgatando o que de mais bem apurado o homem já perscrutou ao longo de sua trajetória. Acontece também que uma construção histórica pontual somente é útil se os participantes desta, os homens em seu cotidiano, assumirem a referência que se lhes avista. Neste sentido, apresentar-se-á, neste ensaio, a busca do bem viver ético como o resgate grego a ser instaurado como reforma dos costumes atuais. O que se mostra importante na busca de caminhos para se efetivar tal premissa.

Para a vida prática poder-se-á fazer, contrariamente ao que se possa esperar, um exemplo não pela educação juvenil, mas pela da velhice. Trata-se de uma análise da postura de alguém idoso, mas plenamente consciente de sua existencialidade: Sócrates, o famoso filósofo da Antiguidade. Por meio da *Apologia de Sócrates*, o julgamento de Sócrates retratado por Platão, mostrar-se-á como se comportou Sócrates, aos 72 anos, quando foi acusado de “não reconhecer os deuses do Estado, introduzir novas divindades e corromper a juventude”.

O próprio Sócrates procedeu à sua defesa, utilizando como estratégia a sabedoria de sua própria existência, em vez de reportar a esmiuçar, em apelos, os fatos contra ele. Isso mostrou todo o sentido, já que as acusações, em grande medida, diziam respeito à conduta do acusado, que, na verdade, era a de um educador, tendo defendido a maiêutica.

Sócrates seguia o princípio do *conhece-te a ti mesmo*; e, para conhecer, precisa-se primeiramente referenciar-se. Enquanto filósofo, aquele que “ama o saber” (segundo a própria etimologia da palavra) busca o conhecimento – reconhece que ainda não o detém; logo dedica sua existência a fazer de sua vida, como diziam os gregos, “uma obra de arte”. A arte, nesse sentido, é a busca da expressão da *harmonia* dos princípios que o espírito humano consegue absorver de um mundo em contínua transformação: ou seja, é a própria felicidade (*eudaimonia*). E, como o ciclo da vida, a tal obra de arte vai do nascimento à morte; portanto, é preciso – e aí vai outro pressuposto da Antiguidade – “aprender a morrer”, aprender a encontrar o seu *fim*, o seu propósito.

Poder-se-ia conferir a Sócrates a qualidade de um “psicólogo da educação”, pois suas preocupações prementes giravam em torno da construção de um sujeito autônomo, que soubesse lidar por si mesmo com o conhecimento. Ou seja, buscava acionar subsídios para o sujeito aprender, sendo que o foco era o processo e não somente os conteúdos, pois

estes não teriam sentido em um sujeito que não os processa. Segue-se disso a acusação feita contra Sócrates de “corromper a juventude”, uma vez que, como sabemos, uma juventude que *pensa por si* pode ser tornar um problema ao *status quo*.

Depois de condenado Sócrates teve o direito, como era costume, de escolher sua pena. No entanto, por ter vivido sob a égide do bem; ter exercido, segundo sua ética, um dos sentidos primordiais da vida que é o de procurar os pressupostos da vida e efetivá-los – como é o caso de sua proposição “o homem é um animal político, logo social” (*zoo politikon*) –, proferiu:

Que pena ou multa mereço eu que, em toda a vida, não repousei um momento, mas des-cuidando daquilo que todos têm em grande conta, a aquisição de riquezas e a administração doméstica, e os comandos militares, e as altas magistraturas, e as conspirações, e os partidos que surgem na cidade, conservei-me na realidade de ânimo bastante brando para que pudesse, fugindo de tais intrigas, me livrar delas, não indo aonde a minha presença não fosse de nenhuma vantagem nem para vós nem para mim mesmo? Voltava-me, ao contrário, para os lados aonde eu poderia levar, a cada um em particular, os maiores benefícios, procurando persuadir cada um de vós a não se preocupar demasiadamente com suas próprias coisas, antes que de si mesmo, para se tornar quanto mais honesto fosse possível; a não cuidar dos negócios da cidade antes que da própria cidade, e preocupar-se, assim, do mesmo modo, com outras coisas. De que sou digno eu, tendo assim procedido? De um bem, cidadãos atenienses, se devo fazer uma proposta conforme o mérito; e um bem tal que me possa convir. E, que convém a um pobre benemérito que tem necessidade de estar em paz, para vos exortar ao caminho reto? Não há coisa que melhor convenha, cidadãos atenienses, que nutrir um tal homem às expensas do estado, no Pritaneu<sup>1</sup>; merece-o bem mais que qualquer de vós que tenha sido vencedor nos Jogos Olímpicos, nas corridas de cavalos, de bigas ou quadrigas! Esse homem, porém, homem rico, não tem necessidade de que se cuide da sua subsistência, mas eu, sim, tenho necessidade. Portanto, se devo fazer uma proposta segundo a Justiça, eis o que indico para mim: Ser, às expensas do Estado, sustentado no Pritaneu. (Platão, 1999, p. 90).

O que pode demonstrar o tom de desdém de Sócrates ao fato de morrer é que o importante, enfim, é viver o melhor possível, eticamente. Condenado à morte, Sócrates, que sempre empunhara a bandeira da máxima do “só sei que nada sei”, não se incomodou com a sentença, pois o que dizer de uma ação tão sem sentido e de uma vida (e, por pressuposto, também a morte) ainda não desvendada: “É hora de irmos: eu para a morte e vós para as vossas vidas; quem terá a melhor sorte? Só os deuses sabem.” (Platão, 1990, p. 90).

## Por uma psicologia da educação para o idoso

A crescente expectativa de vida tem proporcionado a valorização dos conhecimentos relacionados à velhice. Segundo pesquisadores contemporâneos, as estimativas apontam que, até o ano de 2025, ter-se-á um número de idosos que ultrapassará os trinta milhões, e com diferentes tipos de velhice. Neste sentido, constituir-se-á um quadro de trajetórias diversas, ora acompanhadas por altos níveis de co-morbidades e doenças crônicas,

---

<sup>1</sup> O Pritaneu era o local onde se reuniam os pritanes ou representantes do povo investidos de poderes temporários. Era também o local onde se recebiam os visitantes ilustres e onde tomavam refeições os pensionistas do Estado, os quais eram chamados de *parasitos* [daí a expressão hoje conhecida e atribuída para quem vive à custa do Estado: “parasita”].



ora por saúde e bem-estar (Lima, 2003; Debert, 1999; Berquó, 1996; citados por Lima, Silva, & Galhardoni, 2008, p. 797).

As múltiplas possibilidades de estudo sobre o desenvolvimento humano possibilitam uma reflexão sobre a aprendizagem. O “aprender” é dinâmico, o que permite afirmar que se dá ao longo da vida. A educação não é algo que se restringe à escola, dá-se por meio de um processo contínuo, experienciado pelo homem em todas as fases da vida. Para Irigaray e Schneider (2008), “a aquisição de novos conhecimentos pelo idoso o leva a ter mais recursos, tanto instrumentais quanto emocionais, para acompanhar as mudanças rápidas pelas quais passa o mundo.” (p. 214).

As mudanças sociais, políticas e econômicas, ocorridas a partir do século XIX, direcionaram as providências quanto à garantia dos direitos dos idosos, evidenciando a valorização deste grupo etário. Apesar dos preconceitos que atingem esta população – sendo que muitos são tratados como incapazes, inválidos e doentes –, sabe-se que o desenvolvimento e o potencial cognitivo do homem não se encerram por se atingir a velhice. O que se pode verificar é que se tem colocado como sinônimas as ideias de aptidão ao trabalho e capacidade cognitiva. Nesse caso, evidencia-se a noção de velhice vinculada a concepções de valorização perante o mercado de trabalho:

As consequências da institucionalização dos sistemas de aposentadoria foram a criação de agentes especializados na gestão da velhice; a transferência da responsabilidade das famílias para esses novos agentes; e a consolidação da velhice como categoria etária. Mas outra consequência foi fundamental para a definição da emergente identidade etária da velhice: a associação inequívoca entre velhice e invalidez. De fato, em um momento no qual a capacidade e a posição do indivíduo no trabalho delimitam muito sua identidade, ser aposentado é ser efetivamente inválido, incapaz e ocioso. Tem início então uma associação entre velhice e incapacidade que só recentemente vem sendo desfeita. (Silva, 2008, p. 156).

A superação dos mitos relacionados à velhice, o ganho na qualidade de vida e os estudos nas áreas de gerontologia, psicologia, sociologia e outras ciências contribuíram para elevar a qualidade de vida e o índice de longevidade das pessoas, aumentando o número de idosos ativos e produtivos. Esse contexto favoreceu as iniciativas voltadas para a promoção da educação para idosos. Pesquisadores como Luz e Amatuzzi (2008) apontam a religião, a ciência, a arte, a filosofia, o contato com a natureza, a educação e a literatura como caminhos para a transformação pessoal. Afirmam também que é “a partir desse princípio que a vida de uma pessoa idosa pode vir a ser de grande riqueza interior em relação ao encontro com o próprio *self*, com sua essência.” (p. 304). Com a absorção pela sociedade dessas possibilidades para o idoso, novos panoramas passaram a surgir no horizonte da vida com a velhice:

Ao observar as manifestações culturais daqueles que envelhecem na contemporaneidade, identificamos mudanças significativas de hábitos, imagens, crenças e termos utilizados para caracterizar esse período da vida. Além das tradicionais representações que atrelam os momentos mais tardios da vida ao descanso, à quietude e à inatividade, surgem hábitos, imagens e práticas que associam o processo de envelhecimento a atividade, aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal e vínculos amorosos e afetivos inéditos. O espectro de descrições possíveis para o envelhecimento ampliou-se tanto que à ‘velhice’, tal como a conhecemos, se somou a ‘terceira idade’ e uma série de características inéditas que a acompanham. (Silva, 2008, p. 156).

Universidades europeias iniciaram, na década de 60, as primeiras ações voltadas para a educação do idoso, abrindo a possibilidade de acesso deste grupo na academia. As chamadas Universidades Abertas à Terceira Idade também passaram, no Brasil, a partir da década de 70, a oferecer propostas educacionais direcionadas para alfabetização, educação religiosa, informações sobre saúde e educação para o trabalho, tendo sua concepção centrada na reintegração social do idoso.

Na literatura gerontológica, o termo “atividades avançadas na vida diária” (AAVD) faz referência a uma classe de atividades relacionadas a participação e envolvimento social, excedendo aquelas restritas à resolução de problemas práticos, como o autocuidado, por exemplo. O desempenho de AAVD é compatível com o modelo biomédico de velhice bem sucedida (Neri & Vieira, 2013) e vem sendo acompanhada por um número cada vez maior de estudos que analisa seus efeitos psicológicos no idoso, incluindo a resiliência, a regulação emocional, a manutenção de metas de vida, entre outros (Fontes & Neri, 2015).

Outro aspecto importante a ser reconhecido é que os valores e conceitos sobre a velhice divergem de acordo com a região, o país e a cultura dos povos. Algumas questões ainda são polêmicas, sobretudo, o fato de que as práticas voltadas para o idoso, de um modo geral, estão pautadas no “bem-estar” e na “qualidade de vida”. Porém surge daí uma questão: por que deveríamos afirmar ser importante resgatar, na velhice, o *bem-estar* e a *qualidade de vida*? Por acaso, a velhice é sempre sinônimo de “mal-estar” e “má-qualidade de vida”? Não é correto supor que a sabedoria, o bem-estar, dentre outros atributos favoráveis, são fatores defasados em todos os que envelhecem, assim como a incapacidade. A velhice é um processo determinado por múltiplos fatores e pode ser uma experiência bem-sucedida, pois os conhecimentos que vêm sendo construídos, acerca deste tema, demonstram que a doença, a inatividade, a incapacidade física não são “certezas” na velhice.

O fato é que, devido ao “jeito moderno” da sociedade, a capacidade física na velhice pode ficar comprometida para o exercício de algumas funções práticas de vida diária tal como as encaramos atualmente, mas os idosos bem informados, cognitivamente ativos, tendem a criar estratégias para dar continuidade a suas atribuições e necessidades. O aprimoramento na forma como realizam as tarefas, desenvolvendo métodos mais eficazes, a exclusão de atividades nas quais apresentam baixo desempenho, o cuidado com a saúde física e, principalmente, a manutenção da memória, têm sido imprescindíveis para uma velhice bem-sucedida.

É com esta discussão que a educação e a psicologia podem beneficiar a trajetória desta fase da vida. Para Irigaray e Schneider (2008), o papel da educação “[...] não é o de divertir ou entreter o idoso, nem de perpetuar ou reproduzir papéis desempenhados em outros momentos da vida, mas sim servir de meio para que a pessoa, independentemente da idade cronológica, consiga manter seus níveis normais de funcionamento e de desenvolvimento.”. (p. 213).

Reconhecendo a possibilidade da manutenção do potencial cognitivo no processo de envelhecimento, é possível compreender que a educação do idoso está passando por uma reinterpretação cultural, cujo objetivo deverá ser a (re)aprendizagem da vida humana. Neste sentido, muitos autores afirmam que o ato de pensar e de aprender é muito significativo para o idoso, tornando-se fundamental no processo de integração social nesta fase da vida:

O desempenho de atividades e o suporte social são reforços ao sentimento de valor pessoal, autoconceito e autoeficácia. Possivelmente, o fato de os participantes terem enfatizado a importância do trabalho relaciona-se a este pressuposto descrito pelas autoras; e a integração social, juntamente com o reconhecimento de colaboração e participação possibilitado pelo trabalho, serve como reforço para que o idoso sinta-se bem consigo mesmo. (Luz & Amatuzzi, 2008, p. 306).

A presença do idoso em ambientes educacionais, sua participação ativa no processo de aquisição e construção de novos conhecimentos, promove o convívio e a integração entre as gerações, criando novas perspectivas diante das crenças e atitudes em relação à velhice e ao processo de envelhecimento humano.

### **A arte como programa educacional para o idoso**

Na busca da “ética do bem viver” muitas ações educativas têm sido praticadas entre os idosos, com funções de promoção da saúde física e mental, da cidadania, da integração com a comunidade, do entretenimento, da transcendência. Estas ações parecem representar a redução dos fenômenos de “obsolescência”, do desgaste dos conhecimentos adquiridos no passado, assim como o surgimento de uma nova arte de viver. Nesta etapa final do presente ensaio, serão descritas algumas atividades educativas que se inserem neste contexto.

Ações educativas entre idosos podem assumir um caráter de possibilitar a transcendência, o que é significativo para a qualidade de vida. Nesse sentido, Barreto (2009) afirma: “Nesse existir responsável, o ser é sempre posto em jogo, podendo realizar suas possibilidades no existir, pois, conforme vai sendo, escolhendo, renunciando, opinando, omitindo-se... vive a liberdade de superar-se e é capaz de transcender-se.” (p. 188). A arte, nesta perspectiva, tem um importante papel, seja na literatura, na dança, na música, no teatro, no cinema ou nas artes visuais.

O envolvimento com a literatura filosófica helenística foi apresentado, em um estudo conduzido por Hermann (2008), como uma forma de se alcançar o “bem viver”. Como afirma a autora (2008), a contribuição helenística para “a arte de viver” pode ser verificada por meio do modelo terapêutico de filosofar, do papel das emoções e da *phronesis* na articulação entre o universal e o particular, para apontar que uma educação ético-estética se constitui pelo reconhecimento da tensão entre o eu singular e o nós (*ethos* comum, base da *ética*).

Nesta perspectiva, do reconhecimento da tensão entre o eu singular e o nós, outra ação educativa que vem se apresentando como eficaz é a “dança circular”. Esta modalidade consiste em um repertório de danças praticadas em círculo e inspiradas nas danças folclóricas e tradicionais de várias regiões do mundo. Wosien (2002) pesquisou e estudou o rico universo mítico e simbólico destas danças nas diferentes culturas e acredita que elas são manifestações da criatividade coletiva e veículos de uma sabedoria que sobreviveu às mudanças de linguagem, localização, religião e nacionalidade por centenas e até milhares de anos. Uma vez que a maioria dessas danças está ligada à história dos povos, traz em sua essência a qualidade de estimular a socialização e de resgatar o caráter participativo e a união de todos os indivíduos, sem distinção ou hierarquia.

Em Fleury e Gontijo (2006) encontra-se uma investigação com doze mulheres, praticantes das danças circulares, no Centro Livre de Artes, localizado em Goiânia (GO), com o intuito de perceber os benefícios destas danças na vida das participantes. As autoras identificaram melhora na disposição física (92%), incremento na disposição mental (83%), melhora no desempenho sexual (63%), ampliação da flexibilidade (83%), melhora na postura corporal (75%), na força muscular (75%), na dissipação da tensão (100%), nas questões relacionadas às dores (73%), no aprimoramento do bem estar (83%), no incremento da socialização geral (58%) e no alívio dos sentimentos relacionados à solidão (67%).

Também Catib, Schwartz, Christofolletti, Santiago e Caparroz (2008) investigaram os estados emocionais percebidos por idosos antes e após dois meses de vivência das danças circulares. A pesquisa utilizou como instrumento a Lista de Estados de Ânimo Reduzida e Ilustrada aplicada a uma amostra intencional de 28 idosos, de ambos os sexos, frequentadores do grupo da Terceira Idade da Faculdade Aberta de Avaré (SP). A Análise de Conteúdo Temático foi a técnica utilizada para a análise de dados, o que levou os autores a concluir que a prática da dança circular contribuiu efetivamente para o aumento dos estados de ânimo positivos dos participantes, devido à estimulação da autoestima e da autoconfiança.

A música também foi apontada como proposta educacional para os idosos. Nesse sentido, estudos relatam a possibilidade de a mesma influenciar estados psicológicos (emocionais, sociais e cognitivos) e também fisiológicos dos participantes. Souza (2005), por exemplo, realizou uma investigação de caráter qualitativo, com observação participante, entrevistas e análise documental, com idosos que usavam os serviços do CEMASI (Centro Municipal de Assistência Social Integrada) São Judas Tadeu no Cosme Velho (RJ). O estudo apresenta como conclusão que a música favorece a memória dos idosos, propicia a integração com o grupo por meio de vias de comunicação não verbais e favorece momentos criativos, em especial de criação musical. Igualmente, Souza e Leão (2008) destacam os benefícios de ações de educação musical na terceira idade, dentre eles a reativação da memória, a melhora da qualidade de vida e da saúde geral, o aumento da autoestima e, por consequência, um crescimento interpessoal e afetivo.

Já na perspectiva do teatro, Venancio (2008) realizou uma pesquisa com idosos não-atores que participaram de uma oficina de teatro em Niterói (RJ). A linguagem teatral foi utilizada como recurso na compreensão das subjetividades desses idosos, a partir da encenação de suas lembranças. Desse modo, criou-se um novo canal de comunicação de memórias. A autora aponta que:

Num segundo momento, quando [as memórias] são transformadas em roteiros ou textos, ganham outras qualidades de emoção, seja pela junção de lembranças de vários autores, seja pela premência de organizar o que surgiu na efervescência de desabafos desordenados. Nesse momento, a noção de autoria se perde, as lembranças sem dono são de todos e de ninguém. E, finalmente, levadas ao palco, é possível brincar com elas, trocar as emoções e os humores originais. (Venancio, 2008, p. 297).

Em Espírito Santo, Marques, Leal, Mota e Silva (2008) também se encontra um relato de experiência de ensino-aprendizagem de teatro para a promoção da saúde do idoso no contexto familiar. Os pesquisadores utilizaram uma abordagem pedagógico-construtivista, optando-se por uma estratégia pautada na construção coletiva de um texto

dramatúrgico, na sua encenação e discussão. Participaram da experiência docentes pesquisadores, técnicos e alunos de graduação estagiários do Núcleo de Atenção ao Idoso da Universidade Federal de Pernambuco, além de dirigentes, técnicos e usuários dos Centros de Convivência de Idosos mantidos pela Prefeitura do Recife. Nas conclusões do estudo, os pesquisadores afirmam que o processo permitiu uma desconstrução da ideia de envelhecimento como sinônimo de doença, estando a saúde intimamente ligada à manutenção da autonomia e entendida como exercício do autogoverno e da capacidade de tomar decisões sobre a própria vida.

Na busca de uma “ética do bem viver”, a arte como programa educacional para o idoso visa à promoção e o desenvolvimento individual e coletivo, por meio do autoconhecimento, das interações humanas e da educação estética. Nesta perspectiva, pode-se caminhar rumo ao alcance do equilíbrio da vida, que encontra a real felicidade na compreensão do sentido do viver e gera, também, o aprendizado para a morte.

## Considerações finais

Buscou-se mostrar neste ensaio, fundamentalmente, a necessidade de uma constante reflexão sobre o sentido da vida humana. O prejuízo da escassez desta postura reverbera, muitas vezes, na velhice – a fase derradeira da experiência da existência.

Não é possível, nesse sentido, fazer-se educação, psicologia ou qualquer ciência que não contenha em si a possibilidade de se fazer diferente, mesmo que isso pareça “loucura”. Rever-se é um princípio científico primário; logo, também é um preceito fundamental da própria racionalidade e do viver de seres cognoscentes, como nós, humanos.

Afinal, por mais finita que seja a existência humana, ela é feita para ser vivida em comunhão, afetivamente. Por isso, morrer não é o fim, já que outros continuarão o processo da vida da espécie humana: os descendentes, os amigos, etc. O fim, o objetivo de todos, é efetivar a vida e não temer a morte. A preocupação excessiva com a morte não permite ao indivíduo viver em prol da solidificação de um alicerce de humanidade. Todos querem, na juventude, degustar a matéria; mas se esquecem de revigorar a energia do espírito, da consciência, do sentido ético de bem viver.

O prejuízo, todos conhecem: uma sociedade com valores distorcidos – violência, injustiças, desigualdade, etc. No caso do idoso, neste momento da vida possui o que de melhor se poderia ter para contribuir com os demais: a sabedoria de uma vida – como bem se presta o exemplo do filósofo da Antiguidade, Sócrates. E distribuir isso à sociedade – se por acaso ela aceitar receber tal dádiva – seria *renovar* a função de cada pessoa perante as outras: de uma ocupação materialista (do trabalho “produtivo”) ao desempenho da educação, da condução de jovens que fazem renascer a humanidade a cada geração.

Procurou-se ainda, além desse sentido de crítica à condução contemporânea da vida com a velhice, e com a vida humana de forma geral, mostrar alguns procedimentos que podem ser considerados básicos para se colocar em prática as ideias expostas: defende-se a tese de que é necessário investir adequadamente na afirmação de uma psicologia da educação para a velhice; o que poderia reverberar em toda a acepção de educação. Por fim, incluiu-se a perspectiva pedagógica apoiada na arte e em seu potencial de refinar a natureza humana, rumo à excelência que pode ser o bem viver, “mesmo” na velhice.

## Referências

- Aristóteles (2001). *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora da UnB.
- Barreto, M. F. T. (2009). O tempo vivido pelo alfabetizando adulto nas aulas de matemática. *Educar em Revista*, 33, 187-203.
- Catib, N. O. M., Schwartz, G. M., Christofoletti, D. F. A., Santiago, D. R. P., & Caparroz, G. P. (2008). Estados emocionais de idosos nas danças circulares. *Motriz*, 14 (1), 41-52 Recuperado em 10 de agosto de 2009, de <<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/view/1266/1393>>
- Erasmus de Rotterdam (1990). *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1511).
- Espírito Santo, A. C. G., Marques, A. P. O., Leal, M. C. C., Mota, S. K. A., & Silva, M. R. A. (2008). Problematização de temáticas de promoção da saúde do idoso a partir de uma vivência dramatúrgica. *Saúde e Sociedade*, 17(1), 165-175. Recuperado em 28 de março de 2016, de <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n1/15.pdf>>.
- Fleury, T. M. A. & Gontijo, D. T. (2006). As danças circulares e as possíveis contribuições da terapia ocupacional para as idosas. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 9, 75-90. Recuperado em 01 de agosto de 2009, de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4786/2693>>.
- Fontes, A. P. & Neri, A. L. (2015). *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1475-1495.
- Hermann, N. (2008). Ética: a aprendizagem da arte de viver. *Educação & Sociedade*, 29(102), 15-32. Recuperado em 05 de agosto de 2009, de <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n102/a0229102.pdf>>.
- Irigaray, T. Q. & Schneider, R. H. (2008). Participação de idosas em uma Universidade da Terceira Idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 211-216.
- Lima, A. M. M., Silva, H. S., & Galhardoni, R. (2008). Envelhecimento bem sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 12(27), 795-807.
- Luz, M. M. C. & Amatuzzi, M. M. (2008). Vivências de felicidade de pessoas idosas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 303-307.
- Neri, A. L. & Vieira, L. A. M. (2013). Envolvimento social e suporte social percebido na velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(3), 419-432.
- Platão. (1999). *Apologia de Sócrates*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Plutarco. (s.d.). *Vidas dos homens ilustres*. Vol. III. São Paulo: Ed. das Américas.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*, 15(1), 155-168.

Souza, C. M. S. & Leão, E. (2008). Terceira idade e música: perspectivas para a educação musical. In Congresso da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Música (ANPPOM), 16 (p. 56-60) Brasília: Unb. Recuperado em 20 de agosto de 2009, de <<http://agemais.com.br/blog/wp-content/uploads/2009/06/biodanza-idosos-age.pdf>>

Souza, T. P. (2005). Música e idoso: uma proposta de intervenção do Serviço Social com arte. 158p. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Venancio, B. P. (2008). Breve dramaturgia da memória: oficina de teatro com idosos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13(2), 291-300. Recuperado em 17 de agosto de 2009, de <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/8084/4813>>

Wosien, M. G. (2002). *Dança Sagrada: deuses, mitos e ciclos*. São Paulo: TRIOM.

Recebido / Received: 31/03/2016  
Aprovado / Approved: 16/09/2016